

Alcy Simões, o maior craque do futebol capixaba em todos os tempos

# Um pequeno demônio

*Álvaro José Silva*

*Fotos: Ricardo Medeiros*

**O** que falta hoje aos esportes, notadamente ao futebol, é amor. Esta palavra de apenas quatro letras, pronunciada nas mais diversas situações e ocasiões, a gente ouve com constância quando faz a pergunta a um homem pequeno e gentil, de fala mansa, quase miúda, cabelos totalmente brancos, olhos claros, no saguão de entrada do prédio onde mora, na Praia do Canto.

Não é uma pessoa qualquer. Trata-se do único ex-jogador ainda vivo e que nasceu antes do Rio Branco, um dos mais antigos clubes capixabas. Ele veio ao mundo no dia 1º de junho de 1913, na Avenida Capixaba, em Vitória, e hoje, aos 88 anos, ainda é reverenciado como

o maior jogador de todos os tempos no futebol do Espírito Santo. Seu nome: **Alcy Simões**, o *Demônio Louro*, como era conhecido.

## AMADOR

Alcy, pode-se dizer, conheceu pouco o profissionalismo. Quando começou a jogar: em 1930, antes de completar 17 anos de idade e para ser campeão logo no primeiro ano, ainda não havia pagamento em dinheiro, pelo menos no futebol capixaba. Quando parou, 20 anos mais tarde, 37 anos de idade já completados, os jogadores recebiam para jogar, mas o profissionalismo ainda “era fraco”, como explica.

Ele acha que o regime do futebol

profissional anda fracassando no Brasil porque os grandes jogadores vão todos embora cedo, jogar na Europa, “em busca de vantagens monetárias. Isso reflete a situação atual. No profissionalismo de hoje, não há mais amor à camisa; o dinheiro está sempre acima de tudo”. Não se trata de purismo, mas de constatação. Isso principalmente porque Alcy admite que, quando começou a jogar futebol, o fazia por amor: “Eu defendia as cores do clube”, deixa claro.

O velho jogador recorda-se de que, em 1930, quando começou a jogar, já eram fortes os times do Estrela e do Cachoeiro, ambos de Cachoeiro de Itapemirim, e também o Comercial, este

O craque marcando seu primeiro gol pelo Vitória, e hoje exibindo uma das medalhas de campeão pelo Rio Branco



último de Castelo. O Rio Branco várias vezes ia a essas duas cidades para jogar. E fica feliz em saber que o Alegreense, de Alegre, é o atual campeão capixaba de futebol.

Para Alcy, o futebol de seu Estado já esteve pior. Anda melhorando ultimamente, depois do surgimento do Serra, da volta dos dois times de Cachoeiro, de Alegre e outros. “Mas para melhorar ainda mais vai precisar de dirigentes com mais amor à causa e capacidade de trabalhar. Vai precisar de bons dirigentes”.

Quem seriam estes? Se ele pudesse eleger o melhor de todos os tempos, retornaria à década de 1930 para votar no velho general Carlos Marciano de Medeiros, o Carlito Medeiros, que marcou época no Rio Branco. Para ele, a síntese do homem voltado para o esporte e capaz de fazê-lo crescer.

## REVOLTA

Para explicar melhor o que é “amor à camisa”, Alcy retorna a um episódio que vai terminar em Carlito Medeiros. Ele ainda era jovem, no curso do ano de 1931, gostava de festas e freqüentava o Saldanha da Gama, onde tudo então acontecia. De quebra, andava com os rapazes e moças daquele clube.

Isso acabou não sendo do agrado de um diretor do Rio Branco, Guilherme Abaurre, que um dia, na hora em que se iniciaria um jogo de basquete entre times dos dois clubes, virou-se para Alcy e o advertiu de que não gostava do fato de ele andar com os adversários. “Se você não jogar bem hoje, sai do time”, disse.

O jovem ficou revoltado. De tão indignado, não conseguiu jogar bem. As

bolas simplesmente não caíam. Ao final do primeiro tempo, quando Guilherme Abaurre disse que iria substituí-lo, advertiu: “Se o senhor fizer isso, vou embora e não jogo mais no Rio Branco”. Foi substituído assim mesmo. E foi embora, como havia prometido.

Mas não foi sozinho. Levou consigo dois de seus companheiros de clube, Lauro Rabelo e Arlindo Rocha. Ficou dois anos fora e foi campeão pelo Vitória em 1932 e 1933. Mas a revolta não duraria a vida toda e um dia ele foi procurado pelo então presidente do Rio Branco, Carlito Medeiros, que o chamou para voltar. “Só com um emprego”, disse. Ofereceram-lhe o primeiro e ele não aceitou. No segundo, ficou. Foi para o Instituto Agrícola de Maruípe, um patronato de menores abandonados, onde trabalhou até se aposentar, como diretor. Não se arrepende de ter recuado: “Afim, eu era rio-branquense”, confessa.

Não deixaria mais o Rio Branco. Ficou lá para ganhar um quase inacreditável rosário de títulos: o Campeonato da Cidade de 1930, o hexacampeonato que foi de 1934 a 1939, o bicampeonato 1941/1942, o tricampeonato de 1945/46/47 e o campeonato de 1949. Foi ainda campeão de todos os campeonatos do Estado da antiga FDE (disputados então esporadicamente) e dos quais o Rio Branco tomou parte: 1930, 1934, 1937 e 1949.

Também jogou muito pela Seleção Capixaba numa época em que era disputado um Campeonato Brasileiro de Seleções promovido pela extinta CBD. Em 1940, por exemplo, estava no time que quebrou a invencibilidade dos baianos, na Bahia, quando o Espírito Santo derrotou a seleção daquele Estado num jogo disputado no velho Estádio da Graça (ainda não havia a Fonte Nova), com um gol seu. Alguns dos maiores jogadores do futebol capixaba de todos os tempos participaram daquela partida e daquele time.

Em março de 1950, quando parou, jogou uma decisão de campeonato contra o Comercial de Castelo (tratava-se da final do Campeonato Estadual do ano anterior). Partida de 140 minutos, com tempo normal e duas prorrogações, a primeira de 30 e a segunda de 20 minu-

tos. Deu o passe do gol da vitória, marcado por Michel. Seu time, naquela oportunidade, jogou com Radaélis; Dudúlio e Hélio; Goli, João Pedro e Mauro; Michel, Alcy, Neném (Cica), Ênio e Erli (Cavaliéri, depois Chuteirinha).

Num futebol sem memória, resta o trabalho de uns poucos. O jornalista Oscar Gomes, estudioso do futebol e do Rio Branco, catalogou súmulas oficiais de 142 jogos deste clube com a participação de Alcy. Foram 137 gols marcados somente aí, com a média de 0,96 por partida. Marca monumental do *Demônio Louro*, como ele era conhecido ainda jovem.

Quando parou de jogar, em 1950, viveu uma experiência única em sua vida: estava no Maracanã no dia em que o Brasil perdeu do Uruguai por 2 a 1 na decisão da Copa do Mundo. “Foi a única vez na vida em que vi ao vivo um jogo da Seleção Brasileira. Depois disso, só ouvindo rádio ou pela televisão. Aliás, nós perdemos porque o goleiro (Barbosa, já morto) engoliu um frango”.

A memória falha na hora de lembrar os grandes jogadores do passado, os que atuaram a seu lado. “Não me lembro agora, desculpe”, diz antes de se recordar ao menos de dois nomes: Lacinio e Arlindo Rocha. Dos de agora, cita Felipe, do Vasco da Gama. Pára um pouco, mas a memória falta novamente.

Alcy Simões viu de tudo na vida. Hoje, no apartamento da Praia do Canto, onde vive sozinho com a mulher (casaram-se na década de 1930 e não tiveram filhos), recorda-se do início da vida esportiva, quando jogava nas salinas de Jucutuquara. Depois, houve a construção do Estádio de Zinco e do Estádio



O atleta em destaque junto ao time do Rio Branco, campeão de 1940; à esquerda, medalha ganha quando o clube ainda se chamava Rio Branco Futebol Clube



Governador Bley. Tudo isso ele viveu jogando futebol. E foi jogando também que viu o Rio Branco quase ir à falência, mudando o nome para Rio Branquinho. Depois de 1950, passou a ser um espectador dos esportes. E muito atento.

Quem o vê agora, já um pouco curvado pelos anos, não imagina que um dia este velhinho gentil foi um craque do futebol capixaba. E recusou pelo

menos um convite do Flamengo, do Rio de Janeiro, para se tornar famoso no Brasil todo. Preferiu ficar em Vitória para não perder o emprego que Carlito Medeiros havia conseguido para ele. Também recusou convite da Portuguesa de Desportos. Mas nada disso lamenta. Feliz, acha que apostou na vida e venceu.

E está certo. ■

Alcy no auge de sua carreira como jogador do Rio Branco

